

JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 28 DE JULHO A 3 DE AGOSTO DE 1975 — N.º 4

PROMOÇÃO

CAMPANHA DE ASSINATURAS

PROCURE-NOS

Rua Senador Fonseca, 1044

Telefone: 4-2759

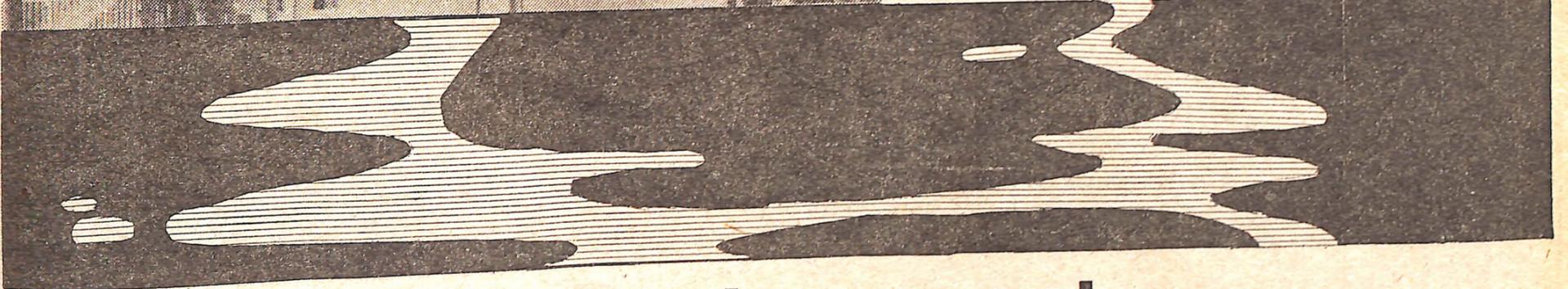
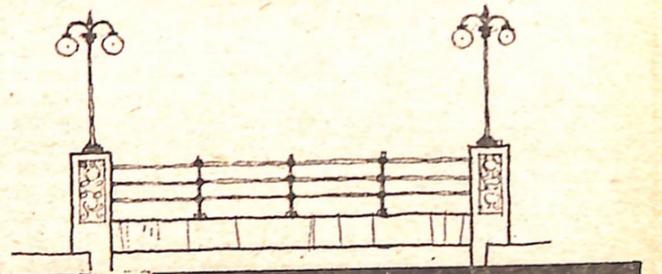
PREÇO DESTE EXEMPLAR

CR. \$ 2.00

O ASFALTO
IMPOSTO
O ARTIGO QUE
CARLOS FRANCHI
NÃO ESCREVEU
NEWTON BALZAN
VÊ O MENOR
SÉRGIO BOCCHINO



*verifique se sua casa poderá ser
alugada no próximo verão* , PAG. 6

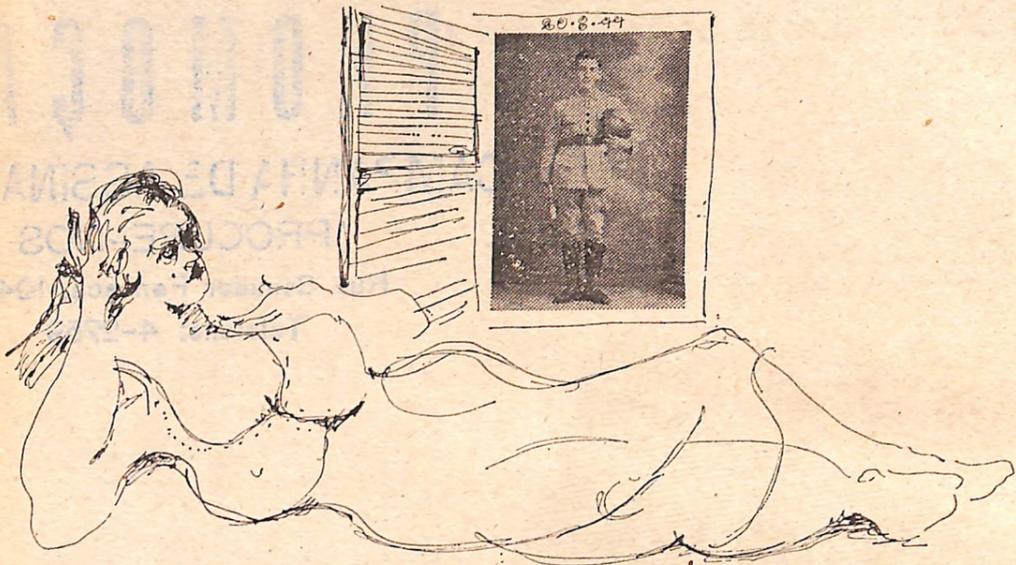


ENCHENTES

LA' E CA'

PAG. 6 E 7

ASSEMBLÉIA GERAL NO PAÍS DAS MARAVILHAS



Bem vindos soldados da fanfarrinha do 2.º G. A. Dô. Eu sei que vocês, mais o seu sargento, estão malucos de vontade de deixar os instrumentos, atirar para um canto os capacetes, descalçar as polainas e desaparecerem pelas casas da Adolfo Gordo, onde suas primas os esperam, com a cerveja morna servida, Gardel na vitrola, generosos decotes e tentadores rabos-de-peixe em lamê prometendo alegrias que a caserna não tem. Fiquem à vontade e tenham paciência. A praça é de vocês.

Bem-vindos João Minguta, Zeca, Oscar, Sidão, Nenê, Ercy, João Grande, Juca, Calu, Chiquinho e todo o pessoal da Rua Nova. Por favor, deixem os estilingues no bolso, encostem as varas e as lanternas de lata de óleo (apaguem antes as velas) aí na parede do Posto de Saúde (heí, turma, presta atenção! Depois a gente vai espionar o casazinho de namorados que se escondeu no escurinho do Posto. Calma, pombas!). Quem quiser urinar que vá ali no calipá do Quim, mas cuidado ao passar pelas cavernas de mato: a gente vai precisar das flores pra fazer colares de maravilhas, mesmo sem saber pra que, só se for pra dar pras meninas, mas elas são chatas demais, a gente chega perto e elas já vão contar em casa, na hora de brincar de pega ainda dá certo, mas elas são muito desconfiadas, mesmo as primas da gente. Sejam bem-vindos, o campinho é de vocês.

Ói, pivetinhos, sejam bem-vindos. Encostem suas caloís-dobráveis aí na escadaria, parem um pouquinho de jogar areia uns nos outros, que o tio precisa falar com vocês. Pode mascar chiclé, mas não vale pregar a goma no cabelo comprido do amigo, viu? Nem no do seu irmão, pô! Sentem-se, o playground é todos de vocês.

O que eu queria dizer (e foi por isso que pedi a todos que viessem) é que nós estamos azarados.

O pessoal do G. A. Dô nem tanto: vocês darão baixa, tomarão seus rumos e, apenas uma ou outra vez, passando por aqui irão tentar localizar o gramado sobre o qual marcavam passo, ao som dos tambores e do clarim do sargento. Talvez até sorrisam, lembrando do corre-corre pra fugir da patrulha, ou da dona da casa que não queria saber se soldado andava na pindura ou não: divertiu, pagou!

Já a turma do futebol que xingava o velho rasgador de bolas, a turma que cavava morcego à luz de vela, que nadava no buracão, que escondia figurinha e cigarro nas cavernas de pé de maravilhas, que fugia do Quim (que comia içá frita), que catava xepa na frente do dispensário de TB (veja só!), que se encorujava sob a luz do poste pra falar de fantasias de um sexo que apenas despontava esmagado por tabus, que fazia birocas e jogava bolinha de vidro até rachar as bolinhas ou a pele das costas da mão no tempo do frio, que trocava botão-cha-

peuzinho por um beque-de-capote-do-avô, essa turma vai ficar mais chateada com o que eu vou contar, daqui a pouco.

E vocês, pivetinhos que chamam o todo mundo de tio, vocês então é que estão fritos.

O negócio é o seguinte: este lugar aqui, que foi o campinho de futebol e de maravilhas, que foi onde construíram um Posto de Saúde que não atrapalhou nada, que depois virou um playground chato mas que logo se transformou no quintal espaçoso que as casas de hoje, não têm, este lugar, minha gente, vai desaparecer.

Calma, calma! Sargento, vê se controla o seu esquadrão!

Oscar, você que é o mais velho, manda a turma parar de xingar!

E vocês, sobrinhos do diabo, voltem pra cá, caíam do meio da rua com as bicicletas. E ouçam, ouçam todos.

Isto aqui, a Praça dos Andradas, vai virar ponto de ônibus.

Tá certo que o pessoal que usa ônibus é gente simples, são trabalhadores que moram em bairros distantes, tá certo que essa gente não pode ficar ali na Rua Senador, à mercê do tempo, sem mesmo o recurso de um mictório.

Mas se já existe uma praça estragada para receber ônibus, a Praça das Bandeiras, com mictório e tudo, pra que estragar mais esta?

Mesmo deixando de lado a nostalgia dos soldados & mulheres damas, do futebol & dos sonhos, fora tudo isso ainda existe essa garotadinha de hoje, que servirá o Exército longe daqui, que não precisa de esconderijos pra duvidar da cegonha, mas que precisa deste espaço. Um pessoalzinho que brinca aqui pra não ficar se imbecilizando diante da programação imbecil da tevê vespertina. Não é justo, pombas!

Por isso, soldados do G. A. Dô, rapazes da minha turma, pivetinhos de calças blu-jeans, por isso eu vou pedir ao prefeito e ao homem que trata dos transportes e aos comerciantes interessados, vou pedir a eles que não destruam a praça de tantos sonhos de ontem, e de tanta utilidade, hoje.

O que eu não sei é se eles vão me ouvir, não é costume deles.

O que foi, sargento? Prender todo mundo? Não, isso não é certo!

Fazer uma guerra de mamona contra eles, Juca? Até que não é má idéia, não!

Não adianta, menino, não adianta xingá-los de "feio"!

Tive uma idéia: caso eles não levem a sério nosso pedido, a gente fica em frente da Prefeitura e dá a maior vaia, cada vez que eles puserem o nariz fora da porta, tá legal?

Quem estiver de acordo, plante uma bananeira.

Erazé Martinho

Canto Chorado

O pessoalzinho lá da praça fala pelo prazer de falar. Está com o burro à sombra, como diz o vulgo, e passa o tempo soltando a tropa por cima do chefão.

Basta uma ratazana mostrar a cara por cima dos arbustos para que um maldizente desabafe: viram? Esse gajo não serve nem pra matar ratos.

Palavra de honra: se eu fosse o cacique mandaria a eles um exemplar daquele papelucho colorido. "O Desperstar do Progresso", com a seguinte recomendação: Leiam e meditem... e depois metam a viola no saco.

Como se ousa malversar, atirando epítetos desairosos a um gestor ímpoluto que com desusada bravura e dinamismo impele esta cidade para os futuros rumos do progresso numa explosão desenvolvimentista jamais registrada em qualquer outra comuna deste País?

Vejam só, "os novos caminhos da cidade que tem pressa: Marginal do Rio Jundiaí, Marginal do Córrego do Guapeva, Avenida Córrego do Mato, Avenida Radial Leste".

É o que vem dito ali no papelucho.

E não vai ser pelo simples fato de vocês não enxergarem que vão deixar de acreditar.

As obras estão aí, prontinhas e acabadinhas.

Não se há de vê-las com os olhos, mas com o estado d'alma. Com o otimismo magnetizante de quem por amor à velha Petronilha enxerga tudo por um prisma cor de rosa.

Bem diz o aforismo que ninguém atira pedra em árvores sem frutos.

É o que estão fazendo aqueles macróbios lá da praça. A corja, como os taxou um "reputado" escriba da tolerante papolândia.

Só falam nos impostos a que estão obrigados a pagar.

Ninguém se lembra das "modernas avenidas que estão rasgando a cidade" e rutilando à luminosidade esplendorosa do sol.

Ao contrário, todos os assuntos que vociferam para matar as horas acabam sempre nos impostos.

E mal tocam nos ditos, descem a suruba no lombo do chefão.

Seja o papo futebol ou carestia da vida, termina sempre nos impostos (malditos impostos), ou, quando não, na concorrência da Gutierrez, por causa daqueles 40 "milhos" que foram desperdiçados no Córrego do Mato.

Se essa corja inda persiste
Meu governo malsinar
Por causa dos alienígenas
Ou por pouco realizar.

Eu vou mostrar a esses caras
Que não aguento chalaça
Ou param de me pixar
Ou tiro os bancos da praça.

Simão

CARTAS

Srs.: "Tenho a honra de comunicar a V. Sas. que, por proposta desta Presidência, aprovada por unanimidade, foi consignado em ata de sua última reunião um voto de louvor aos responsáveis pelo lançamento do "Jornal de 2.º", não só pelo elevado nível cultural de seus artigos, bem como pelos patrióticos princípios que objetivam, em defesa dos ideais da comunidade brasileira.

Jornal digno de ser lido integralmente em virtude das mensagens que honram e dignificam a cultura jundiaense.

Queiram transmitir aos responsáveis nossos votos de irrestrito apoio, admiração e elevado apreço. "W. Corazzari — Presidente da Associação Comercial de Jundiaí.

Sr.: "O sr. Sandro Vaia é o mesmo do "Jornal da Tarde"? O sr. Picoto é aquele? Basta ter cota do capital para escrever?" Marcelo Dias do Nascimento. (Centro).

O senhor é mesmo Marcelo? Marcelo Dias? Marcelo Dias do Nascimento? Do Centro? Será do mesmo Centro em que a gente está pensando?

Sr.: Os professores esperançosos...

Caros professores, a fórmula sugerida por vocês coincide com uma pauta do jornal (talvez do próximo número), quando abordaremos o assunto Educação. Fica apenas uma esperança (nossa): que a futura correspondência, com a qual contamos, venha assinadinha, tá?

EXPEDIENTE

JORNAL DE 2.ª-FEIRA

Propriedade da Editora Japi Ltda. Rua Senador Fonseca, 1044

Redator-Chefe: Celso Francisco de Paula

Arte: Celso Eduardo Pupo Suzana Traldi de Souza

Oficinas impressoras: Diários Associados — Rua 7 de Abril, 230 São Paulo

Assinaturas: Semestral: Cr\$ 70,00 Anual: Cr\$ 120,00

editorial

Sesi: receita e despesa

Entre as consequências advindas da segunda guerra, viu-se o Brasil instado a estimular sua industrialização. Deparou-se, logo de início, com as dificuldades causadas pela ausência de uma geração de operários industriais, e, como não se poderia esperar por essa formação, foi o trabalhador rural que se deslocando para os centros urbanos veio suprir essa falta de mão-de-obra, apesar de não qualificado para tal.

Da necessidade de se ultrapassar o grave problema foi criado em 25 de junho de 1946 o SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA, que seria mantido pela contribuição inicialmente de 2%, depois reduzida para 1 1/2%, das folhas de pagamento das indústrias.

Esta vinculação motivou o crescimento paralelo do Sesi com o do parque industrial nacional, tanto no sentido de suas realizações como no de suas necessidades.

Foram então, e paulatinamente, surgindo os vários setores do órgão: educação, abastecimento, assistência médica curativa e preventiva, hospitalar, odontológico, de recreação, esportes e cultura, assistência social e jurídica e vários outros, todos com inúmeras subdivisões.

Surgido assim de uma necessidade foi o Sesi apresentando progressivamente uma utilidade que atualmente ninguém poderia por em dúvida, passando a constituir-se em fator imprescindível à execução do atual surto de progresso manufatureiro do qual pode-se ter idéia pela análise da crescente percentagem com que concorrem seus produtos na pauta de nossas exportações.

O desenvolvimento do Serviço Social da Indústria atingiu um ponto tal que hoje em dia não mais o mesmo fica restrito ao âmbito do operário industrial. Passou a responsabilizar-se também por outros importantes aspectos na nossa sociedade. Por exemplo, aqui em Jundiaí, de um hospital de clínica geral, cuja função era o atendimento do industrial, evoluiu para o campo específico do atendimento médico à infância e se estendeu o mesmo atendimento para todas as camadas sociais, indistintamente.

Não poderia ser outro, que o de profunda preocupação, o nosso intento de virmos a público para comentar certos fatos que estão se passando com o Sesi.

Um "deficit" orçamentário estaria provocando um plano de contenção de despesas feito de forma bastante radical. Isto pode não causar espécie ao observador apressado, mas não poderia deixar de nos preocupar, pois o mesmo plano estaria se fundamentando, em boa parte, na dispensa maciça de funcionários, o que fatalmente irá provocar uma diminuição na eficiência que nos tem sido oferecida. Ainda mais que as referidas dispensas estavam se efetuando com base na ordem cronológica inversa de admissão dos servidores e não no sentido da manutenção de setores prioritários.

Esse nosso comentário está baseado no aparecimento de um mercado de trabalho cada vez maior, conseguido com um surto de progresso industrial sem paralelo em nossa história, que possibilita ao Brasil ultrapassar seu estágio de País em desenvolvimento.

Assim, não poderíamos ser favoráveis a métodos que colocariam em risco esse processo de desenvolvimento. E como decorre ainda curto lapso de tempo das notificações de dispensa, impõe-se uma reanálise urgente do problema.

Analise-se as causas do "deficit", apurem-se as responsabilidades, procure-se solucionar o saldo negativo, talvez com o aumento da produtividade, desde que a receita sesiana provém de uma taxa percentual, ou por alguma forma de financiamento. Se a máquina não apresenta defeito, o mesmo só pode estar nas cabeças que a dirigem.

Quanto aos nossos políticos locais, em vez de ficarem pensando em encampações inúteis e que fracasso de suas gestões, melhor seria a defesa do nosso Sesi. Nossa cidade é um dos maiores polos industriais do Estado e não pode prescindir dos serviços prestados, no seu global, pelo referido órgão.

Imposto Territorial e Predial Urbano:
Uma análise necessária.

O imposto sobre a propriedade urbana — terrenos e prédios — obedece a um princípio fundamental: distribuir a tributação na proporção dos valores das propriedades.

Sua aplicação correta torna-se, porém, muito difícil, pois exige uma avaliação justa de todas as propriedades urbanas. No caso de uma cidade como Jundiaí, são dezenas de milhares de imóveis que devem ser avaliados. Mais ainda: o processo tem que ser dinâmico, pois os valores, tanto absolutos como relativos, se alteram com o tempo, obrigando a constantes atualizações. Sabemos que o simples cadastramento dos imóveis urbanos, por parte da Prefeitura, é bastante falho. Se a Municipalidade não consegue fazer um mero rol das propriedades, pode-se imaginar as imperfeições e os erros que ela pode cometer quando pretende avaliá-las.

Em face desta dificuldade quase que insuperável de efetuar uma razoável avaliação dos imóveis, tem sido costume de todos os municípios brasileiros, e também em outros países, adotar uma avaliação simbólica, que representa apenas uma fração do valor venal. A atitude é sensata. Reconhecendo a impossibilidade de aplicar o tributo de forma justa, é preferível diminuí-lo, abrاندando, assim, os efeitos das distorções inevitáveis.

Esses problemas, porém, parece que são ignorados pela administração municipal de Jundiaí. Os impostos foram brutalmente aumentados, sem qualquer preocupação com as falhas da sistemática e com as consequentes injustiças a afligir a população.

Falhas de avaliação — Adotou-se, para a avaliação dos terrenos, a solução simplista de dividir a cidade em zonas, classificadas de A a K. Para cada uma delas atribuiu-se um valor-base para o metro quadrado de terra. Este valor-base é acrescido de várias porcentagens, de acordo com as benfeitorias existentes nas vias públicas que servem a propriedade. O critério adotado está sujeito a uma série de críticas:

— Os terrenos, dentro de uma determinada zona, não têm todos o mesmo valor. Existem diferenças de topografia, de localização específica e de outras características que valorizam ou desvalorizam cada imóvel em particular.

— O intervalo entre os valores das diversas zonas é muito grande. Por exemplo:

Zona A: Cr\$ 184,80 p/ m²
Zona B: Cr\$ 123,20 p/ m²
Zona C: Cr\$ 49,80 p/ m²

Existe, naturalmente, uma grande faixa de valores intermediários, que têm que ser levados para os valores extremos, com prejuízo ou vantagem do proprietário, conforme o caso.

— A disparidade de avaliação torna-se mais evidente nos pontos de encontro de zonas diferentes. Uma zona A, por exemplo, dividindo com uma zona

H. Teremos, de um lado, terrenos avaliados a Cr\$ 184,80; de outro lado, terrenos a Cr\$ 9,85. O imposto do primeiro será vinte vezes maior que o do segundo.

Essas mesmas considerações feitas para os terrenos valem, também, para os prédios. As residências, por exemplo, foram classificadas em quatro categorias, cada uma das quais recebeu um determinado valor-base para o metro quadrado de construção:

	Cr\$
Finas	369,60 p/ m ²
Médias	184,80 p/ m ²
Comerciais	110,90 p/ m ²
Modestas	73,90 p/ m ²

Tal solução simplista, adotada para a avaliação dos terrenos e dos prédios, leva, naturalmente, a resultados grosseiros e pouco confiáveis. Por outro lado, é a única solução em que se pode pensar. É impraticável a avaliação precisa e individualizada de todos os imóveis.

Percebe-se bem o impasse com que se defronta qualquer administração municipal consciente e preocupada com um tratamento equitativo dos cidadãos. Com bases tão precárias, é impossível intensificar o tributo, sob risco de cometer graves injustiças.

Justiça social apregoada — Os impostos podem ser "progressivos" ou "regressivos". São progressivos quando sua incidência, medida como fração da renda do indivíduo tributado, é maior no caso das rendas maiores. É regressivo no caso contrário, ou seja, quando representa uma maior fração nas rendas menores.

Os impostos progressivos são socializantes, pois promovem a redistribuição da renda. Sua aplicação deve ser bastante criteriosa, para que este objetivo seja atingido com um mínimo de desvios.

O Imposto Predial, desde que a alíquota seja única, é regressivo, pois o custo da habitação representa uma maior porcentagem da renda nas classes baixas do que nas classes altas. Usá-lo como instrumento para conseguir justiça social é perigoso. Exigiria muito cuidado e competência. De fato:

— Existem falhas gravíssimas e insuperáveis de avaliação, que prejudicam bastante a sistemática de aplicação do imposto.

— Para superar a regressividade do tributo, haveria necessidade de fixar alíquotas diferenciadas, de conformidade com a classe que se está atingindo.

— O parâmetro objetivado é a renda do indivíduo. Seria necessário levantar com rigor a correlação habitação-renda, para, através da primeira variável, atingir a segunda no grau desejado.

— Existe sempre o problema da transferência do tributo. O proprietário da casa, de renda elevada, simplesmente adiciona o imposto ao aluguel, onerando o inquilino, de renda mais baixa.

O problema da tributação diferenciada é, portanto, bastante complexo.

Foge inteiramente da competência das administrações municipais, que, sem condições de tratar de assunto tão transcendental, agiriam no caso como verdadeiros aprendizes de feiticeiro.

Foi ridículo, e mesmo cínico, apregoar justiça social quando o que houve realmente foi o incremento violento e indiscriminado dos ônus fiscais, além dos limites suportáveis pelo pobre contribuinte jundiaense.

Carga tributária — O gravame dos tributos sobre a população constitui, sem dúvida, a grande preocupação dos governos atuais. O gigantismo burocrático assusta. Os custos públicos, crescendo inexoravelmente, oprimem a população. No Brasil, já atingem cerca de 20% do PIB.

Neste quadro que demanda grande atenção e cuidado, é incrível deixar-se ao arbítrio das administrações municipais nas mais das vezes inopetentes e despreparadas, decisões que podem representar aumentos significativos da carga fiscal. Trata-se de assunto de fundamental importância, com profundas implicações na filosofia social, política e econômica de um governo.

Não pode ser tratado de forma isolada e com primarismo. Qualquer problema de tributação só pode ser visto dentro de um contexto global, em que toda a carga fiscal esteja sendo considerada.

Multa — Mais um aspecto que merece ser comentado: a pesada multa que incide no caso de falta de pagamento, no vencimento, de qualquer parcela do imposto: Os juros de mora e a correção monetária que penalizam, normalmente, os atrasos de pagamento, não foram considerados suficientes. Impôs-se a multa leonina e desumana, que evidencia o coletor feroz, preocupado em arrecadar — qualquer custo. Não importam as condições econômicas ou financeiras do contribuinte, os seus problemas ou as suas dificuldades. O tributo tem que ser recolhido, com absoluta prioridade.

É interessante observar que a Câmara de Vereadores, sentindo o problema, votou uma redução dessa multa. Parece ter sido uma resolução inócua, pois ela continua em vigor.

Endividamento — Os impostos aumentados serviram para demonstrar a capacidade de endividamento do município. Possibilitaram assim ao Executivo, com o apoio de uma conhecida maioria da Câmara, obter vultosos empréstimos junto ao Banco do Brasil.

Isto significa que são apenas os recursos presentes que estão sendo consumidos. O futuro também foi empenhado. Por muito tempo, portanto, deverá continuar o sacrifício do povo jundiaense. Este povo terá que pagar as dívidas assumidas para atender aos caprichos milionários da atual administração.

FRANCISCO DE ASSIS
OLIVA

ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

Todo cidadão tem o direito e o dever de acompanhar, examinar e discutir o trabalho daqueles que exercem mandato popular. O errado é a omissão e o des-caso pelas coisas públicas, essencialmente se o omisso já foi ou é político.

Se um homem postula votos e promete bem desempenhar seu mandato, está claro que agindo de uma ou de outra maneira receberá críticas construtivas, adversas, contundentes e até amigas. Todas elas, para um bom administrador, são úteis se forem absorvidas. Colocar-se numa couraça para não senti-las, ou dentro de um sistema de fogo de encontro, repelindo-as, não nos parece o mais indicado para quem esteja realmente bem intencionado. Mesmo porque não existe aquele considerado "o bom", capaz de entender de tudo, supereficiente, em condições de acompanhar tudo. E já a constituição de um governo demanda estudos bem profundos para se completar uma equipe que, se não realizar mui-

to, pelo menos não crie problemas até certo ponto graves.

Um bom administrador deve contar aos seus cidadãos. Vejam bem, "contas". Não há como conseguir colocar num baú a sete chaves, como se faz, e as consequências do que foi feito.

Um dia tudo surgirá. Os homens que se calam resuscitarão e apontarão o dedo em riste, como se fossem descobridores da verdade.

O que se espera, porém, é que não se espere tanto para o debate. Vamos a ele.

Dissemos que nada deve ser escondido e parte tem sido dado ao público, especialmente do que se faz em obras suntuárias. Mas falta a complementação, de como e quanto.

Em nossa opinião, a administração municipal de Jundiá deixa muito a desejar. Não só pelas obras que realiza, as quais ainda viremos a analisar, mas pelos métodos administrativos, pelos excessivos gastos.

Quando se faz promoção é com estardalhaço, como o asfalto, por exemplo. Prometido há

vários anos, gasta-se muito para dizer que vai executar o que está dentro das suas atribuições. É só fazer o serviço e todo mundo tomará conhecimento. Não é necessária muita conversa. Acrescente-se que nem isso, porque o asfalto não é a Prefeitura que está fazendo e sim os moradores, com um contrato para pagamento a preço que está sendo muito discutido.

O fazer é o correto, é certo, é o exigido, é obrigação daquele que assume o cargo. O errado será não realizar. Então, colocamos um prefeito, damos-lhe um orçamento dos maiores do Estado e ele bota a boca no trombone, com ares de grande realizador para dizer que vai asfaltar ruas dos bairros? Além de estar atrasado no tempo e no espaço, é seu serviço, ora bolas!

Daí, quando se lê um boletim anunciando bombasticamente coisas realizadas, as quais todos conhecem, ou o que vai realizar, temos que perguntar: por que gastos tão grandes? Quais as intenções? Até pro-

paganda de rádio concludo para o asfalto. Quem paga: a Prefeitura ou a firma construtora que levará o lucro?

Para não ir muito longe, vamos perguntar qual a finalidade dos últimos boletins impressos de propaganda do prefeito, muito bonitos e coloridos. Vamos perguntar quanto custou e se o seu preço não foi excessivo e não onerou demais o contribuinte municipal e, no caso de estar sobrando dinheiro, por que não se aplicar de maneira a diminuir a mortalidade infantil.

Um boletim daqueles que, para cobrir a área que cobriu, deve ter custado cerca de cem mil cruzeiros, tem que ser motivo de crítica e a mais contundente.

Ainda nesse campo das despesas com publicações oficiais, propaganda e outras que não são tais, muitas irregulares, sem nenhuma necessidade, a Prefeitura de Jundiá está gastando às pampas. Damos um cavalo por um gato — se já não se gastou mais, em seis meses — do que nosso vizinho município

de Jarinu tem para todas as suas despesas durante o ano. Sabem qual é o orçamento de Jarinu? Não chega a Cr\$ 700.000,00.

Considerando essa aleluia de material sonante, vem-nos a lembrança daqueles novos ricos que acendiam o charuto com notas de Cr\$ 500,00. Há apenas uma diferença: tais senhores faziam farra com o seu dinheiro e o prefeito de Jundiá a faz com o minguado e suado dinheirinho do povo.

O contribuinte não é só aquele endinheirado existente na imaginação do prefeito. Estes pouco estão ligando. É, na sua maioria esmagadora, o pobre que paga aluguel ou a classe média que tem sua moradia própria, dando um duro danado para viver.

Se os gastos públicos e desmedidos não mais causam espanto, restamos a oportunidade da estilingada, concluindo:

O dinheiro do povo não é capim. É feijão, é remédio, é casa para esconder a carcaça, é suor. Cuidado com ele.

Virgílio Torricelli

O MOMENTO POLÍTICO

Se o prefeito Ibis Cruz pode ver com olhos aguçados o resultado da convenção do dia 13 último, terá percebido a paliçada que o povo construiu na rua para opor-se ao continuismo de sua administração, por sinal eivada de erros palmares como nos casos "Gutierrez", "G. Sampaio" e "Santa Rita".

Capitaneando um contingente eleitoral de mais de seis mil convenionais e sobrepondo-se, pelo poder econômico, às outras duas chapas disputantes, teve de se conformar com a posição de caudatário e submeter-se de mãos atadas à rendição incondicional que lhe foi imposta pelo grupo intermediário para a composição da Comissão Executiva do Diretório da Arena.

Aquela rompância prodômica do limiar de 73, quando o "eu faço as três sublegendas" era ainda uma quimera a alegrar a alma de seus cupinchas, esvaneceu-se melancolicamente.

Hoje, o nosso estimável prefeito está totalmente batido e afastado das rodas políticas como agente catalisador nas bases eleitorais.

De nada lhe adiantará alardear as "grandezas" de sua administração através de caríssimos panfletos aos quais o povo não dá um mínimo de crédito.

Não são necessários pendores de pitoniza nem bola de cristal para que se possa antever a desforra do eleitorado no dorso do seu candidato, se chegar a tê-lo.

Ninguém carrega cadáveres.

Se o sr. prefeito, força é repetir, tiver os olhos aguçados, há de ver que o povo, sufocado pelo abrupto aumento dos impostos, está insopitavelmente ansioso pelo dia da rebor-dosa.

Ferrenhos adversários seus já se delineiam nos horizontes da Arena e do MDB.

Não acreditamos que a esta altura do tempo ele consiga atenuar a tensão derrotista arrai-

gada no seio da coletividade. A sorte, como tudo indica, está lançada.

Apesar disso, se o sr. prefeito desacastelar-se de sua torre de marfim, afastar do seu redor a iminência perda do seu governo (ainda que para tanto tenha que fechar o "Bataclan"), reconhecer que o foco da oposição está no meio daqueles que não souberam apreciar como amigos e descer ao povo com humildade, ainda há campo para recuperar alguma coisa de salutar como refrigério ao ostracismo a que será inapelavelmente levado como autodestruidor de suas próprias ambições.

Desatrele-se o sr. prefeito de seu complexo de superioridade para entender estas linhas, não como um vilipêndio, mas para repô-lo no caminho da concórdia e da benquerença popular como condição "sine qua non" para que um gestor municipal possa desincumbir-se a contento do compromisso assumido.

Assuntos Municipais

Os funcionários municipais demissíveis "ad nutum" já estão equiparados em número ao pessoal do quadro fixo. Em número, é bom que se repita. Porque em vencimentos e regalias estabelecem um desequilíbrio deveras aviltante para aqueles que, na escala hierárquica dos postos, se constituem na viga mestra dos serviços municipais.

Afora as famigeradas secretarias e funambulos de gabinetes, onde a ociosidade impera com requintado ascite a um povo sacrificado por sufocantes encargos tributários, ainda se contam centenas de comissionados corporificando a repudiável cadeia de submissão aos impulsos politiqueros do prefeito. Até escriturários e auxiliares de serviço (serventes) são admitidos em comissão para que se tornem dóceis às diretrizes nem sempre confessáveis da respectiva chefia. Sabe-se, inclusive, de um engenheiro que foi comissionado em cargo efetivo, ato que afronta ousadamente os preceitos constitucionais.

Ao que estamos informados, é certo, para o final do presente exercício, um excesso sobre o previsto de nada menos de trinta milhões de cruzeiros no montante estimado do ICM.

Entretanto, não vai o povo se beneficiar dessa receita vegetativa. Nem em obras, nem em redução dos impostos como seria de esperar. Vai ser tudo dissipado na farândula dos comissionamentos para que cada vez mais se engrosse a avalanche dos interessados em evitar uma sucessão que os ponha a correr por inúteis e desnecessários.

Mas ela virá, apesar de tudo, ela virá, não tenham dúvidas.

Não é preciso bola de cristal para se perceber que essa situação não terá continuismo.

Já se ouve nas ruas o salmo agoureiro do seu "de profundis".

Elcio Vargas

Melê na grande área

De repente, algum Colombo colocou o ovo em pé e descobriu que as ferramentas estavam todas aí: há receptores, há emissores, há código, há mensagem. Receita perfeita para um exercício de comunicação.

E fez-se um jornal. Houve algum estrépito nas galerias, como é normal que haja, principalmente quando o público está lá adormecido há alguns decênios ao som de uma ária monotonamente entoada pelos mesmos barítonos, sopranos, tenores e contraltos desafinados.

Um jornal? Quem quer um jornal? Quem precisa de um?

Oscar Wilde talvez fosse um pouco trêfego em certas coisas, mas ele tinha muita razão quando dizia que, "na América, o presidente reina quatro anos, mas o jornalismo governa eternamente". O sr. Milhous Nixon que o diga.

Aqui não se pretende tanto. O jornalismo pode não governar, mas já é um bom indício quando ele nasce para não se deixar governar.

Muita gente só admite a tese de que um jornal tem sempre que estar a serviço de alguém-pessoa-física, ou alguém-grupo-



tonolento município goiano que se an-
ta entre os rios da selva amazônica
a barragem do Tocantins, ofereceu,
há seis anos, a Eduardo Mansano e a
sua mulher, Heloisa, compareceram
apenas anônimos pius, pernilongos e
noscut. Nos dias seguintes, os recém-
chegados forasteiros travaram contato
com as baratas e os ratos, defronta-
ram-se com a miséria e a promiscuidade,
chocaram-se com a resignação e a
indiferença.
O centro decididamente hostil não
se detinhou. Resolvidos a empreen-

isso, além d
ceiro da Orga
tao de Guida
estadual que an
santidões e tom
cem dos 221 munic
lhes paga, atualmen
cruzeiros mensais, po
É evidente, porém,
de seis espetáculos ju
por si só, velhos e detur
higiénico, ancestrais tabu
e, sobretudo, uma secular
solução seria o trabalho cole-

de-interesses. O chamado a serviço da comunidade cheira meio a galhofa.

Claro que o jornal é uma indústria, e que as leis econômicas que regem qualquer empreendimento industrial não colocam dúvidas sobre a sua finalidade específica: dar lucro.

Mas, se um fabricante de rádios de pilha ou de poltronas estofadas, para ter lucro precisa fabricar bons rádios de pilha e boas poltronas estofadas, nada impede que o fabricante de jornais procure fabricar um bom jornal.

Alguém pode questionar: mas o que é um bom

jornal? O que é bom para alguns, não é para outros.

Não vamos entrar em discussões estéticas e estereis. Um bom jornal não é o que transcreve tratados de ciências exatas para dar impressão de seriedade e peso, nem o que faz mais citações de filósofos peremptos, para dar a impressão de que está emanando cultura.

Um bom jornal não precisa ser pedante. Basta ser honesto. Perguntar, quando percebe que todo mundo se cala; duvidar, quando parece existir uma unanimidade de crenças; ironizar, quando o pode-

roso se crê superior; informar a todo custo, quando os canais de informação são artificialmente obstruídos.

Por isso, quando aparece um jornal, ou um meio de comunicação qualquer, que pretende dizer alguma coisa, faz-se um certo estrépito.

Mas dizer o que e a quem?

A global village do professor Mac Luhan ainda não dobrou a esquina de Jundiá. Estamos saturados de informação sobre Kuala Lumpur, Santiago do Chile e Reikjavik até o fio dos cabelos. Os astronautas entram em

casa todas as noites, e os tiranos, os artistas, os reis do futebol, as vedetas, os ministros e subministros de toda a galáxia.

Difícil mesmo é saber o que se passa na esquina.

Então há um furo na teoria do professor Mac Luhan? Há uma enorme aldeia global de alguns bilhões de seres, e aqui não existe sequer uma aldeia local?

Não, a culpa não é do professor.

Na verdade, aqui há muito o que dizer e a quem. Falta alguém que diga.

Se há um jornal nascendo, e esse jornal se propõe a isso, é preciso correr, e correr apressadamente a alicerçá-lo.

É uma tarefa obrigatória para quem vive se queixando da falta de pulmões para respirar.

Joseph Pulitzer, o grande jornalista norte-americano, preconizava: "Só os mais altos ideais, a mais escrupulosa vontade de acertar, conhecimento mais perfeito dos problemas existentes e um sentido sincero de responsabilidade salvarão o jornalismo."

Mais tarde poderemos medir.

Ainda não é hora de avaliar, mas de fazer.

Estradas municipais III

Dizem que caipira — caipira mesmo, de quatro costados — nunca acha tempo para se dedicar à solução de problemas comunitários. Também, sendo de quatro costados, ele que só tem costas... como enfrentá-los? Arcado no eito, carpindo uva (capinando videiras, dando tratos culturais ao vinhedo, como dizem os neurastênicos) de sol a sol, cadê tempo? Pragas e moléstias nas plantas, doenças e parasitas na criança, o médico besta vê bichas na família inteira... lumbrigas quero dizer; lumbriga dá na barriga e o tal examina (e só) o zóio da gente... Bem, cadê o tempo?

Assim mesmo dá pra ver a turma do Engordador, do lado de lá, passando as duas pistas, pulando as duas defensas e mais duas pistas pra ver a missa no Santo Antonio no domingo, do lado de cá...

Era bonito de se ver, antigamente, o padre já no finzinho da missa virar de frente para o povo, separar as mãos postas e dizer naquele latimório mais lindo...

— Dominus vobiscum...

E os coroinhas, que nem jograis, tudo certinho, respondendo:

- Ecum spiritu tuo.
- Daí, o fim da missa:
- Et missa est...
- Deo gratia.
- E a vinha a bênção final.

Bênção que durava a semana inteira, inteirinha!

Agora é um pouco diferente, mas no fim vem a bênção. Só que agora ela não dura a semana inteira: é só o suficiente pra gente atravessar a Via Anhanguera de volta... as duas pistas, as duas defensas e mais duas pistas, chego vivo, acabou a bênção.

Eu sei que muitos não acreditam, mas a fé move montanhas. Está escrito na Bíblia: "A fé é a substância das coisas que se deseja e a evidência das coisas que não se vê".

E a nossa molecada, ginsianos que vão estudar em Jundiá? Quando de ida, os do lado de lá, no bem bom, é só subir no ônibus; os do lado de cá tem que atravessar duas pistas, pular duas defensas, passar mais duas pistas para pegar o coletivo. Na volta, na hora de apear, é a vez dos do lado de lá passarem duas pistas, pularem suas defensas, mais duas pistas e, se ainda estiverem vivos, irem para casa. E' de manhã, de tarde e de noite. De noite ainda tem, de choro, as caneladas que a gente toma nas defensas.

O que embarranca tudo é o tal do pontilhão, viaduto ou sei lá o quê, no Santo Antonio.

Então era só asfaltar 7.000 m de estrada, do bairro do Bom Jardim até a SP-360 (estrada velha) e, então, banana pra Via Anhanguera!

Mas qual o quê! Os administradores manjam de SP, estrada 9... atravessar a pista a pé... as crianças não são deles! Quem pariu Mateus, que o balance!

Problemas comunitários não são só meus; são de todo o mundo, roceiro! Então por que não engajar mais gente?

Resolvi então i falar co Hilário Caniato. Líder rural, presidente da Associação Agrícola e tal e coisa... Me mandei prá casa dele, lá no Traviú. Lá chegando lembrei que lá tinha, latia — latiu! — e lá tava! um tomba-batás, legítimo street-dog, que fazia às vezes de anunciante.

Apertei a campainha — que não funciona — bati palmas e gritei: ó de casa! Tudo assim, seguidinho, como a gente costuma mesmo fazer.

Bulha de abre porta, uma moça — pode entrar! — e virando para o Caniato que já vinha vindo:

- E' o Bartimeu...
- E o Caniato, velho amigo...
- Chegue!
- Entre!

Caniato e eu nos conhecemos já lá vai um tempão.

Tempo de Matusalém, o do Velho Testamento. Antes do descobrimento do Brasil.

Naquele tempo era menos perigoso atravessar o mar do que a Via Anhanguera.

Um marzinho micho...

Cumprimentamo-nos. Reminiscências. Notícias rápidas. Todo mundo conhece o Caniato. Fala francês, um pou-

co de inglês, esteve na França, nos Steites, nas Orópa toda. Gente fina e inteligente.

— Bem, o que manda Bartimeu?

— Caniato, você conhece este jornal de 2.a-feira?

— Não, não conheço.

— E' um hebdomadário — palavra linda! — que é de 2.a-feira, que às vezes sai na 3.a, politiquero, apartidário...

Caniato examinou o jornal; deu uma espiada. Uma espiada assim meio comprida, de quem não está espiando nada. Estava — isto sim — procurando adivinhar; ("o que será desta vez?") porque quando o proco é sempre prá torrar. E adivinhou. Assim como quem não quer nada, no seu jeito astuto de anteceder-se aos interlocutores foi me contando uma estória de Centro Social Rural. Uma coisa mais ou menos assim, que todo mundo entende: foi concluído; ficou inconcluso. E' social, sem sociedade. E' rural, da comunidade rurícola — éta Caniato bom! — não é propriedade privada e, portanto, as chaves não foram entregues prá ninguém.

Em seguida, pensou em voz alta o meu pensamento:

— E quem haveria de querer um Centro aos pedaços e sem casa prá caseiro?

— Quanto vale o Centro Social Rural?

— Quando falamos em dez cruzeiros por metro quadrado, os padres riram...

Pensei cá comigo: 50.000 metros quadrados a vinte pratos, dá um milhão; prédio, cercas etc. O total deve ser de Cr\$ 1.300.000,00.

— E acordando das contas; — E o viaduto sobre a via? Como está?

— Já me bati atrás de tudo. Houve um tempo que até o projeto já estava aprovado, e começariam daí a pouco... Isto já lá vai um tempão... anos!...

Olhei o amigo; testa franzida, naquele jeito de meio brabo... Pensei cá comigo — a fruta tá madura... é só caturá e estendê o avental...

— Como resolveremos estes casos?

— Vô provocá o delegado agrícola de Jundiá. Sei como fazer prá ele se mexer e trazer, de uma vez só, dois secretários de Estado. Desta vez vamos resolver mesmo estes assuntos...

— De que jeito?

— Deixe prá mim; estou co zape na manga...

Nada mais disse. E como eu sei que ele não diria mesmo, nada mais lhe foi perguntado.

Trouxeram o café. Em casa de caboclo isto quer dizer: estamos conversados; ocê já vai?... é cedo...

Este artiguinho poderia ter um título como aqueles de capítulo de romance antigo: "de como, tendo matutado, Bartimeu descobriu o homem certo..."

O Bartimeu

Cuidado que o progresso já vem

Fomos surpreendidos por uma notícia do jornal "O Estado de São Paulo" que afirma estarem os atuais administradores preocupados em modernizar a cidade quando pretendem

derrubar a Ponte Torta, cortar as figueiras da praça das Bandeiras e demolir o Solar do Barão. Pois sugerimos, para maior eficácia desta ânsia de modernização, que seccionem

todos os vínculos históricos que ainda possuíamos. Por exemplo derrubem a igreja São Bento, cortem as figueiras da praça Tibúrcio Siqueira e acabem de demolir o já desprezado

mas autêntico Grupo Siqueira de Moraes. Podem também fazer um moderno auditório no local do coreto da praça Marechal Floriano e completar a modernização instalando

escadas rolantes no Escadão. Agora, se não der para demolir a Ponte Torta, ao menos tentem endireitá-la. E' uma vergonha aquela ponte, torta! (E.S.F.)

CIDADE DE JUNDIAÍ - ÁREAS SUJEITAS À INUNDAÇÃO



- 1 — Ponte Campinas
- 2 — Ponte FEPASA (Km 3)
- 3 — Ponte no início da estrada para Itatiba

- 4 — Ponte São João
- 5 — Ponte FEPASA (Km 1)
- 6 — Ponte na Rua Atilio Vianelo
- 7 — Ponte na Rua Pitangueiras

VIGILANTE. PROFISSÃO: MENOR

"QUER QUE EU TOME CONTA?"
A PERGUNTA, QUE VOCE RESPONDE COM UMA NOTA DE CRUZEIRO,
IMPLICA EM UM MUNDO DE COISAS LIGADAS À ASSISTENCIA AO MENOR.
O PROF. NEWTON CÉSAR BALZAN,
CIDADÃO JUNDIAIENSE, PONDERA O ASSUNTO,
DANDO UMA CONTRIBUIÇÃO AOS QUE CUIDAM DESSE PROBLEMA.
COM ELA ABRIMOS UMA SÉRIE DE ARTIGOS E REPORTAGENS
SOBRE O MENOR EM JUNDIAÍ.

Carregada de embrulhos a jovem senhora faz tremenda ginástica a fim de poder, com uma das mãos, abrir a porta de seu carro. Vendo-a, o menino uniformizado vem rapidamente em sua direção. Pelo menos nesta manhã ela espera receber ajuda — talvez ele se ofereça para segurar um dos pacotes, mas, qual o que! Ele apenas observa e diz a frase de sempre: — "Está tudo em ordem".

Há muito tempo ela está para resolver uma dúvida. Agora, a pequena raiva que sente parece lhe dar coragem para fazer a pergunta:

— "Quanto vocês ganham por dia?"

— "Até ao meio-dia dá uns vinte, vinte e dois cruzeiros. Hoje é sábado..."

Resolve fazer uma observação:

— "Para não fazer nada está muito bom, não?"

A resposta que recebe deixa-a meio perplexa:

— "Tá sim, dona, a senhora sabe? aqui tem garoto que o pai tem dois carros e põe o moleque para tomar conta de carro".

Ela entra no carro e pela primeira vez cumpre com aquilo que prometera a si própria fazer: não lhe paga pelo trabalho que não houve.

A cena que descrevemos pode ser observada com bastante frequência em nossa cidade e ocorre em diversos pontos: atrás da Catedral, na rua Barão, na rua do Rosário, em frente aos supermercados, isto é, onde quer que haja estacionamento público.

Por julgarmos o fato merecedor de atenção, tomamos a iniciativa de comentá-lo.

Talvez sua importância e significado passem despercebidos para a maior parte da população. Isto se deve à maneira de se analisá-lo, exclusivamente a partir da quantia despendida pelos proprietários de automóveis.

É claro que um cruzeiro representa quase nada para um cidadão médio, que se dá o luxo de possuir um carro.

Mas não é aí que está o problema e sim nas consequências futuras que ele pode gerar. Reside na péssima solução encontrada por parte dos órgãos responsáveis pelo serviço de promoção social do município para lidar com problemas de tal envergadura.

A exemplo de tantas outras situações semelhantes, estamos diante de uma forma típica de assistencialismo paternalista que nada resolve e certamente estará contribuindo para formar indivíduos que no futuro apresentarão sérias resistências para assumir um trabalho real.

Senão, quem de nós será suficientemente ingênuo para supor que um jovem, que hoje ganha quase o equivalente a um salário mínimo

para não fazer absolutamente nada, esteja pronto para assumir um trabalho real no futuro, com todas as exigências que ele implica: ponto, presença obrigatória, horário definido etc.? Por que motivo ele irá se entusiasmar com tal idéia, se hoje ganha para não fazer nada? Estaremos exagerando nas quantias percebidas atualmente? Pois bem, vamos reduzir à metade ou a um quinto. Admitamos que o garoto receba hoje Cr\$ 250,00 ou Cr\$ 100,00 por mês para "tomar conta" de carros. O problema ainda permanece o mesmo, pois, há uma diferença muito grande entre ter que apresentar os resultados de um trabalho para fazer jus a um pagamento e ser dispensado de qualquer obrigatoriedade.

Poder-se-ia argumentar que eles realizam um trabalho, na medida em que estão tomando conta de carros. Mas, perguntamos: tomando conta contra o que? Como cidadãos que pagam impostos, por que motivo o jundiaense deveria correr o risco de ter o carro "depenado", pneu esvaziado, etc., em pontos tão fáceis de serem observados por parte de autoridades policiais? Se estas não podem estar presentes aos pátios dos supermercados, por que seus geren-

tes não colocam um guarda particular para vistoriar os carros em geral?

Gostaríamos de deixar bem claro que não estamos contra as crianças e que lamentamos profundamente o fato de um menino de tão pouca idade estar ali, quando bem mais desejável seria que estivesse brincando ou estudando naquele momento. Concordamos com o fato de que grande parte dessas famílias certamente precisa muito da contribuição que essas crianças possam levar no final do dia. Pois é claro que a maioria absoluta de seus pais não tem carro algum e nem apresenta projeto de tê-lo um dia. Achamos tudo isso lamentável e preocupa-nos, acima de tudo, o futuro dessas crianças.

Por isso mesmo, insistimos na idéia de que não é esta a melhor maneira de se resolver o problema da assistência ao menor e às famílias menos favorecidas, vestindo um uniforme no menino e "educá-lo" no sentido de ganhar sem trabalhar. Com a forma adotada, o que se está fazendo é estragar a criança, preparando-se hoje o futuro vadio de amanhã. Soluções que apelam para a caridade no sentido paternalista nunca

resolvem coisa alguma. Protelam os reais problemas, apenas. Estragam, viciam, levam à acomodação.

Pensamos que um município cuja população cresce em ritmo acelerado como a nossa, que se urbaniza e se industrializa rapidamente, deve contar com um setor que assuma tais responsabilidades. Problemas ligados ao menor deverão agravar-se no futuro, pois, o que se tem observado em outros locais, é que essas variáveis são dependentes.

Os problemas existem e continuarão existindo. O que não se pode admitir é que se deixe de procurar as soluções mais adequadas, isto é, aquelas que encaminham satisfatoriamente o problema, sem criar condições para que eles se manifestem com maior gravidade ainda no futuro.

E' hora da população de Jundiaí contar com um serviço ligado ao bem-estar da coletividade que se responsabilize por dar um encaminhamento sério a tais problemas: um setor ligado a uma das Secretarias Municipais já existentes poderia ser a solução, contanto que pouco (o mínimo!) burocratizado, dotado de pessoas realmente capazes de caracterizar objetivamente a realidade que está presente em nossa cidade e de planejar com clareza as ações necessárias para resolver realmente os problemas verificados. Um pouco de imaginação criadora, é claro, não poderá faltar.

Newton César Balzan

Um hotel para Jundiaí

É do conhecimento público que a administração passada da Prefeitura Municipal envidou esforços no sentido de conseguir o interesse de particulares para a construção de um hotel de nível elevado em Jundiaí, já que os existentes deixam a desejar.

Sabemos que uma firma foi constituída para esse fim, adquiriu um imóvel na av. Jundiaí, demoliu um prédio, fez escavações, sondagens de solo e apresentou projeto para aprovação junto à Prefeitura Municipal.

Pergunta o jundiaense: Por que o hotel até hoje não foi construído? Não é do interesse do município que se construa um hotel?

Nós conhecemos os fatos reais. Uma firma realmente se propôs a construir um hotel de padrão "A". Acontece que antes do início desta funesta e caótica administração ocorreram certos fatos que não são ainda de conhecimento público. A direção da firma que iria edificar a obra ficou sabendo que havia interesse da administração atual em fazer um hotel. Diante disso manteve contato

com o sr. alcaide, que no ato se fazia acompanhar de seu secretário de Obras e de um negociante. O encontro não foi divulgado mas, alegou o sr. alcaide que, por não ter sido ainda empossado, deixava de tratar do assunto, desestimulando assim o empreendimento.

O problema foi colocado em forma de definição.

Se realmente a administração municipal tencionava a construção de um hotel para Jundiaí a firma desistia de seus objetivos, porque, segundo seus estudos econômicos, dois hotéis de categoria elevada a cidade não comportaria. Como o sr. alcaide não se definiu, tudo ficou parado e Jundiaí, para vergonha de todos nós, não tem "aquele" hotel.

Que a intenção do sr. alcaide era fazer um hotel, por si, pelo Poder Público que representa, ou por um grupo, hoje não temos dúvida. Para isso, voltemos ao passado.

Um jornal local, na edição de 10 de agosto de 1973, publicou uma manchete nos seguintes termos: "A CIDADE VAI GANHAR UM MO-

DERNO HOTEL". A reportagem completa o compromisso do sr. alcaide, dizendo que o hotel seria construído por uma empresa a ser constituída pela Prefeitura e com incentivos fiscais, reconhecendo que a cidade sofre falta de acomodações para visitantes e viajantes.

Outro órgão de divulgação, no dia 17 de maio do mesmo ano, noticiou que o urbanista Cândido Malta Filho, em seu plano incluía um moderno hotel a ser construído nas imediações do Parque Municipal, ou seja, entre o Parque e o Restaurante Balaio.

Agora, perguntamos nós: Está ou não comprometido o sr. Alcaide a fazer um hotel para Jundiaí? Devemos ou não exigir dele essa obra necessária à cidade?

É evidente que sim. Precisamos forçá-la a que dê, através da Prefeitura, a obra prometida. A não ser que justifique a desnecessidade desse empreendimento.

Bem pensando, será que não está aguardando a iniciativa de um particular, para depois, desapropriá-lo? É bem possível. Por outro lado, como as coisas andam

neste município, surgirá algum jundiaense que se proponha a fazer a obra? Correrá o risco? Não acreditamos.

O sr. alcaide poderá fazê-lo com dinheiro dos impostos, já que tem em mãos um dos maiores orçamentos do Estado (o terceiro?) e a Câmara Municipal autorizou-o a efetuar polpudos empréstimos.

Bem, é possível que não exista mais disponibilidades, pois tudo deve ter ido para o Corrego do Mato, que, segundo o vereador Abdoral, vai chamar-se "Avenida do Oiro", dado o seu altíssimo custo.

Paremos. Façamos uma interpelação final, perguntando ao sr. alcaide: Foi constituída a firma que dará um hotel para Jundiaí? Se o foi, já se iniciaram as fundações? Em que local? Quando será inaugurado? Ainda em sua administração?

Olhe! Está fazendo muito frio. Os visitantes e viajantes poderão ficar gripados se dormirem numa das nossas avenidas do sistema viário. Não acham?!

"O pensador"

VIDA SINDICAL, O TEMA DO CÔNSUL

James Mack está há seis meses em São Paulo, onde desempenha as funções de cônsul trabalhista dos Estados Unidos, sentindo o pulso da vida sindical em nosso Estado. No sábado, dia 19, ele esteve acompanhando o secretário Jorge Maluly Neto, do Trabalho, numa visita à 2.ª Feira do Bordado, em Ibitinga, vindo depois a Jundiaí para prestigiar a inauguração do Hospital Santa Rita de Cássia. Nesta oportunidade, enquanto Maluly recordava os seus tempos de política estudantil, o jovem diplomata concedia entrevista aos repórteres do *Jornal de 2.ª*, falando sobre sua interessante atividade.

— Como é que você está sentindo o pulso da vida sindical neste Estado?

— Bem... Se possível, preferia falar sobre outro assunto.

— Então, o que achou deste hospital?

— É grande e me parece muito bem aparelhado.

— E em Ibitinga, como foi?

— Muito interessante o trabalho no Interior. Lá, na 2.ª Feira do Bordado, estão cinco mil pequenas indústrias do ramo. Realmente, muito interessante.

— E a vida sindical, como está?

— Vocês me desculpem, mas já estou de partida para São Paulo, onde tenho outro compromisso daqui a pouco.

N & O

O PASQUIM ESTÁ DANDO

No penúltimo **O Pasquim**, Paulo Francis escreve sobre o progresso "que estamos querendo", e Sergio Augusto conta por que os Magos Merlin da ciência não gostaram muito da última sessão da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

O primeiro mostra para onde caminha o "American way of life" com que se sonha por estas bandas.

Sergio Augusto confessa a sua surpresa diante do ibope que as palestras sobre Ciências Sociais deram, entre os estudantes.

No mesmo número, como sempre "hors concours", Ivan Lessa gignipneca e rola em cima dos lugares-comuns dos conceitos.

Hei, bancas de jornal de Jundiaí: quando é que vocês vão retrazer o "Pasca" para a gente, hem? (E.M.)

COMUNICADORES, TRUMBIQUEM-SE

O CAPI Vestibulares está anunciando seus cursinhos na tevê, valendo-se de filmes norte-americanos de bola-ao-cesto, com narração em inglês ao fundo, sem disfarçar.

As calças Levi's trouxeram dos States o comercial já feito e o puseram no ar, apenas com a locução em português.

Uma fita para gravar, japonesa, está usando o seu comercial "made in Japan", para convencer os tupiniquins a curtirem o novo tape.

Enquanto isso, agências de publicidade estão mandando embora seus homens de criação, alegando crise no mercado de trabalho.

Tai uma liçãozinha que vocês, empolgadíssimos alunos de Comunicações, devem começar a aprender. (E.M.)

CASCATAS DO DAE

A paisagem da Torres Neves, com cascatas e depressões de alto a baixo, tem sido, há muitos anos, um excelente negócio para o Patinhas, que reúne ali na esquina da Prudente uma fauna de admiradores da natureza. Ele chegou, em certa época, até a pensar na cobrança de um "couvert" visual por esse algo mais que seu bar oferece aos bebedores de cerveja e outros. Outro dia, porém, fui encontrá-lo arrasado: tinha saído no jornal que o DAE tencionava acabar com aquela magnífica fonte tão logo atenda às necessidades mais urgentes dos bairros. Calma, Patinhas! Isso não é prá já não! (CFP)

NÃO DURMA DE TOUCA

Quem ainda não assistiu a nenhum "Cinema à Italiana", às terças-feiras, onze da noite no Canal 5, já perdeu "Ladrões de Bicicletas" (De Sica), "Os Boas-Vidas (Felini) e "Duas Mulheres" (De Sica). E vai perder muito mais.

Como? É muito tarde? Então, minha filha, um Rico Português pra você e durma bem.

(E. M.)

CANASTRAS E CORINGAS NA BANDA

Carlos Veiga, Cristóvão Orenge e Fernando Magalhães estão à frente da comissão que organiza o 4.º Campeonato Jundiense de Buraco, uma tese defendida pelas componentes de barraca "Cantinho" para arrecadar fundos para a Feira da Amizade. Sessenta e quatro duplas, pagando 100 pratas cada, começam as disputas no dia 2, às 14 horas, na Banda. Vai ser um pega que nem quero estar por perto. (CFP)

"FUTURA PISTA" (ECO)

Foi noticiado pela aí que a avenida Córrego do Mato vai virar pista de corridas. No fundo deve ser eco das contestações de que aquela não é uma obra prioritária. Ora, construir-se uma avenida paralela à avenida Antônio Segre (antiga Ponte Campinas), que é folgada de tráfego, é o mesmo que fazer-se uma pista vazia. Muitos vão desejá-la para corridas. É fácil dizer que eles estão errados.

Será que só eles?

(A. F. P.)

PREMONIÇÕES

Se a nossa seção de Horóscopo quiser acertar mais do que já vem acertando, dou abaixo "barbadas": (parte delas, confesso, plagiadas) válidas para todos os signos:

— Não faltarão flores na Semana Santa: faltarão velas.

— Nenhuma criança da cidade ficará sem escola: só as que não encontrarem vagas.

— O cronograma de obras do Sistema Viário preverá inauguração perto das eleições: se não, reformar-se-á o cronograma ou as obras, conforme o caso.

— O Armando Marques (ou seu equivalente) apitará as partidas decisivas dos vários campeonatos: o Corinthians vai se classificar.

Falei!

(A. M.)

CONCHAVO

A indicação de 16 de junho do edil Luiz Gonçalves pede à Prefeitura a criação de um Posto de Serviço de Colocação de Empregados. Nós pedimos uma explicação: seria para o preenchimento dos quadros da Prefeitura? (ESF)

EU ESTOU OK, VOCÊ ESTÁ OK?

A representante do MEC em São Paulo, entrevistada pela TV Cultura, fez um pedido aos vestibulandos: que procurem saber se as faculdades onde farão o vestibular estão em dia com o MEC, registro, essas coisas.

Portanto, se você é vestibulando, pergunte antes de ser perguntado.

É mais ou menos como no velho oeste: quem saca primeiro, ganha. Bang, bang, bang. (E. M.)

TINHA QUE SÊ-LO

A Associação Filatélica "27 de Julho", que foi fundada nesse dia do ano passado, em Campo Limpo Paulista, comemorou seu primeiro aniversário com uma festança na Fazenda Santa Rita, reunindo ali "ilustres personalidades vinculadas ao maravilhoso e fascinante mundo da filatelia". Boa, Roquinho! Não deixaste por menos, heim? Deixa que na próxima o Sandro vai lá. (CFP)

MULHER 75: FIM DE PAPO

Qual a mais autêntica? Aquela que faz as coisas escudadas (no noivo?) ou a que, sem tanta regalia, aceita papo de fim de baile?

PICOCO

AO SOM DO "AMIGO FRITZ"

As "Emissoras Associadas" levam ao ar, aos domingos, das 10 da manhã às 11 e pouco, um programa de rádio só com músicas brasileiras e onde "se fala de Brasil".

Pesquisa, gravações originais e biografias de grandes autores e intérpretes da MPB são mostradas com muito critério, nesse ótimo programa de rádio. A gente aprende muita coisa.

Por exemplo, no programa do último domingo, quando os biografados eram Leonel Azevedo e J. Cascata ("Pelo costume de beber gelado/apanhei um resfriado que foi um horror" e "Debaixo daquela jaqueira/que vive lá no alto majestosa", entre outras), o texto dizia que, com a entrada do Brasil na II Grande Guerra, ao lado dos Aliados, autores mais radicalmente nacionais foram passados para trás, dando-se preferência aos que faziam "som moderno", ou seja, qualquer coisa mais parecida com o estilo da música norte-americana. Uma espécie de acordo nuclear, só que à base de granada de mão e baioneta, é isso, Panizza?

COMUNIQUEIXON É ISSO, BICHO!

Foi lançado, no Rio de Janeiro, o cigarro "Marlboro", fabricado no Brasil pela companhia que comprou a Santa Cruz e que vai concorrer com a Souza Cruz (tutti braziliani). A campanha de lançamento de "Marlboro" é a mera tradução da campanha norte-americana "Come to Marlboro Country", de modo que os fumantes brasileiros terão simplesmente que se imaginar "cow-boys" do Texas para tragarem o "sabor de liberdade" que o cigarro promete. Enquanto isso, mais uma vez os publicitários tupiniquins terão que fumar simidão, já que o desemprego come solto nas agências de propaganda. That's Marlboro Country, comunicadores do Brasil.

TEJE PRESO

O engenheiro Eliseu Resende, que dirigiu o DNER durante a administração do ex-ministro Mário Andreazza, e seus antecessores Lafaiete do Prado e Thomas Landau foram multados pelo Tribunal de Contas da União em dez, três e um salários-mínimos, respectivamente.

Multas simbólicas, para puni-los, entre outras coisas, por fatos tais como: uma rodovia entre Aparecida do Norte e São José dos Campos, orçada em 13 milhões, custou, depois de 17 adiamentos no prazo de entrega, 60 milhões; a ponte Rio-Niterói, que ficaria em 200 milhões, ficou em mais de 2,5 bilhões; e outras pequenas irregularidades na Transamazônica, na Rio-Santos etc.

Quem estaciona em local proibido leva multa de 1/3 do salário-mínimo.

SILVIO & CHORÕES: BENZADEUS!

Silvio Caldas prometeu (está gravado em fita) que virá a Jundiaí, especialmente para cantar seu repertório sertanejo para os "Chorões do Japi".

Atenção Vazinho D'Angieri, Mário Mazzola, Diogo, Nardinho, Alvaro: o homem vem mesmo, estejam a postos.

N. R.: deixem uma Japi fora do gelo que eu tomo conta dela.

(E.M.)

XOUBÓU É O ESCAMBAU!

Monstros sagrados do futebol mundial estão re-inventando o futebol de salão, com exibições sem arremessos laterais e com muitos gols.

A Monap e a Rede Globo, promotoras dos espetáculos, chamam a isso "Show Ball".

Por que não: "I'm in the mood for love"? Ou "Play it again, Sam"? Ou ainda "Califórnia, here I Come"?

Se o alvo de vendas é o Cosmos de Nova York, é melhor falar com ele através de expressões mais conhecidas, isn't, Pelé? (E.M.)

PETRÓLEO EM JUNDIAÍ

Nesta terra que desperta para o progresso, quem precisar de gasolina, depois das onze da noite, tem que rodar muito: 99% dos postos não atendem.

Desperta, frentista!

AGRADECIMENTO

Estamos vindo a público, mais uma vez, para externar nossos agradecimentos.

Formamos a **CHAPA DO POVO** e com ela conseguimos estabelecer um equilíbrio de forças políticas, onde a Política deva ser entendida como uma arma para se atingir determinado objetivo. Política, desta vez partidária, com a colaboração dos **CONVENCIONAIS**, pessoas abnegadas que se inscrevem num determinado partido, assumem a condição de homens que querem participar da vida comunitária da cidade, nas suas mais agudas decisões.

Com estes elementos, aqueles que conseguiram encontrar seus nomes nas listas emitidas pela Justiça Eleitoral, perfazendo um total significativo de 1.641 votos, conseguimos alcançar a porcentagem desejada para termos força de decisão nos destinos partidários, nos destinos da Aliança Renovadora Nacional no que tange aos destinos de Jundiaí.

Somos da **ARENA**, e ela é um todo. Disto partimos e nos responsabilizamos pelas decisões assumidas na eleição da Comissão Executiva do partido, quando conseguimos a presidência do mesmo.

Estamos, portanto, muito gratos aos que nos ajudaram, assim como agradecemos ao sr. Virgílio Torricelli e ao ex-prefeito municipal, dr. Walmor Barbosa Martins, por nos confiar seus respectivos apoios pessoais, somando-se aos que já de a tempo confiam no nosso trabalho.

Temos um objetivo: entregar a cidade ao seu destino absoluto que é o de governar com o povo, e lá chegaremos.

Muito obrigado a todos.

PELA CHAPA DO POVO

dr. Rubens R. F. de Lucca
Antônio Carlos Pereira Neto
Vitória Furlan de Souza

ENDOSSE O JORNAL DE 2.º
FAÇA SUA ASSINATURA PELO
TELEFONE 4-2759
OU NA REDAÇÃO: SENADOR, 1044

ABRAM ALAS

Às dez e meia do sábado, dia 19, os grandes portões do Parque Municipal Comendador Antonio Carbonari foram abertos para dar entrada aos nobres jurados, sra. Neyde Rosa Bonfiglioli, o crítico Harry Laus, Luiz Ernesto Kavall, sra. Ernestina Karmann e o professor Eurico Shaffer. Eram os astros, que pisavam distraídos o caminho aberto pelo cartaz premiado do Augusto Tashin Higa. Está acontecendo o IV Encontro Jundiaense de Arte.

A manhã estava sombria e frio não faltava.

Os galpões do Parque, como todos sabem, são normalmente utilizados para as grandes promoções da Prefeitura.

O Parque nasceu mesmo para suprir uma necessidade, qual seja, a de promover o encontro dos agricultores da região, na exaltação de suas colheitas, para demonstrar a todos a excelência de sua produção, a capacidade de semear, tratar e colher sua safra, seus frutos. Isto no início da década de cinquenta.

Ali houve uma formidável festa da uva, inicial, outras seguintes não tão formidáveis, e, recentemente, mais nenhuma.

A uva acabou? O morango acabou? A festa acabou? Nada disso. Houve uma retração do setor. A cidade não é mais o centro pretendido de atenções para coisas tão mesquinhas quanto

ficar mostrando frutas. Quem é que se interessa por isto?

Em seguida foi tentada ali a FIJU, Feira Industrial de Jundiaí, mas ficou na primeira, ainda que tivesse sido magnífica a iniciativa.

Pensou-se até em transformá-la numa feira permanente para mostrar coisas da cidade aos visitantes, fazer existir esses visitantes. Mas o projeto foi também preterido.

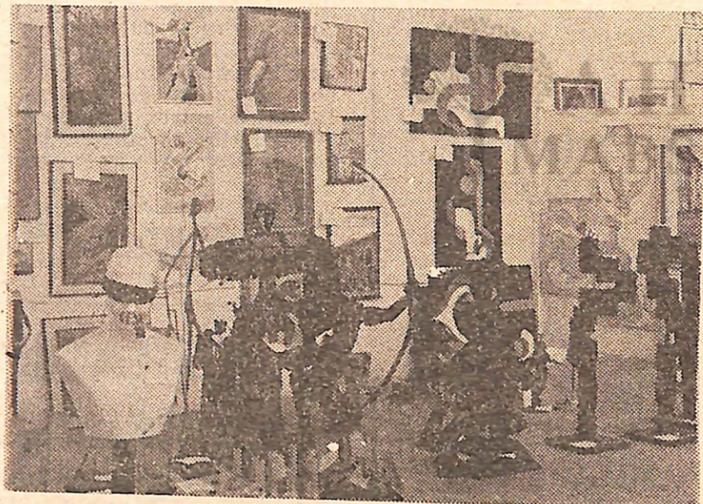
Afinal, quem se interessa por Jundiaí? São Paulo é ali tão pertinho. Basta socorrer alguns feridos na Anhanguera, superar certos nevoeiros, acelerar o automóvel, que estaremos próximos, ou dentro do famoso polo de decisões que é a Capital, mesmo que para isto se tenha de esconder, sob falso pudor a procedente resposta: sou de... Jundiaí.

O vento levantou mais alguns papéis do chão. Dois dos organizadores cruzaram um pelo outro meio afobados dando

as últimas ordens e a porta semi-aberta do primeiro pavilhão (é assim que ele se chama?) dava passagem aos poucos a quem era permitida a entrada "no recinto de julgamento" das obras a serem triadas para a grande mostra de arte, que a cidade mais uma vez se esforçava dar, e desta vez, para o mundo! Portas abertas para o Japão, Estados Unidos, México, França e Equador.

Haviam, é verdade, certos caixotes por ali com o timbre da Varig. Varig, Varig... Que não se duvide, ganhamos estatura. O salão estava repleto. As paredes de cinco metros de altura totalmente tomadas pelos quadros, os painéis do meio também. E como dizia um improvisado funcionário cicerone, "tem ainda outro, o outro galpão, tão cheio quanto este".

E me ocorre: e a nossa indústria, e a nossa arte seria a solução?



Sérgio Bochino, em ritmo de aventura



Estamos diante de um fato consumado: o Sérgio Bochino, hoje, passou para a galeria dos "imortais" desta cidade.

Não fosse ele o colunista social que revolucionou este tipo de jornalismo, este tipo de comunicação, introduzindo, pela primeira vez conceitos tidos como tabus absolutos, inconfessáveis, tais como sexo dos anjos, segredos de quatro paredes, sussurros de alcoviteiros famosos, e daí por diante, ele sobrevive, e confirma que veio ao mundo a passeio.

Mesmo assim, é de muita importância, para "los que sufrem", saber de alguns tópicos por ele abordados, antes, durante e depois das suas atuais tormentas, sendo que o Sérgio aqui e agora prova saber onde mete seu nariz. Portanto, vamos ao assunto. Diz ele:

— Não digo que não existe sociedade jundiaense em minha coluna, porque é um fato muito evidente. Agora, para ser notícia social faça como eu, frequente a sociedade paulistana, queridinho.

— Dalva de Oliveira? Então toque "O Rio amanheceu sorrindo, toda a cidade amanheceu em flor..." Música é uma questão de gosto. Eu, por exemplo, gosto de Brahms. Mas não tenho predileção.

— Idade? Ora, anjo não tem idade.

— Convenção da Arena? Existe isso em Jundiaí?

— Ora, essa questão de mulher na Câmara, é problema dela e dos vereadores. Não entendo nem de mulher nem de câmaras.

— Cuca não é bem um acontecimento social. Me parece ser um acontecimento cultural.

— Família? Só grupal, mesmo porque amor com fidelidade é como arroz e feijão todo dia. Produz, mas sempre a mesma coisa.

— Moda é o reflexo de um estilo de vida. Em Jundiaí só dá liquidação.

— Quais famílias tradicionais jundiaenses?

— Ih, queridinho, cada caso é um caso. Eu não me caso, você se quiser, vá lá em casa.

— Promotor, eu? Não, não promovo nem mesmo os amigos.

— Bofe é como caviar, quanto mais, melhor.

— Futebol? Gosto muito. Gosto muito do esporte dos homens. Tanto que jogo semanalmente na Loteca. Coluna do meio, "of course".

— Só frequento Jundiaí obrigado.

De nada Sérgio, fato consumado é teu despreendimento, tua coragem num século onde medra o medo. Você é a vaidade corporificada de Jundiaí.

Picoco

Horóscopo

PROF.^a ZULEIKA

Áries (21-3 a 20-4)

Não troque sua lã por asfalto nenhum, seu carneiro. Vem neve aí. E quem vai saber se a rua, coberta de neve, está asfaltada?

Touro (21-4 a 20-5)

Você fez mal em vender a sua carne, o seu couro, os seus chifres, para pagar os impostos. Ficou somente o berro? Pois berre.

Gêmeos (21-5 a 20-6)

Unidos como vocês são, pode ser que consigam maioria numa sublegenda. Dois votos, na Arena de hoje, é maioria.

Câncer (21-6 a 21-7)

Você tem apenas mais dois anos de vida, Caranguejo. Tá pior que as-

falto da Vila Liberdade meu pobre diabo.

Leão (22-7 a 22-8)

Você terá grandes oportunidades praticando esporte-amador. Aquilo é um verdadeiro balaio de gatos.

Virgem (23-8 a 22-9)

Jornalismo, nunca, você tem escrúpulos demais. E, como você sabe, Mercúrio, que é o astro dominante desta semana, é muito chegado ao comércio.

Balança (23-9 a 22-10)

A conjunção Netuno-Saturno, que preside seu decanato, também será desapropriada. Pelo menos há planos nesse sentido. Recorra à Justiça.

Escorpião (23-10 a 21-11)

Idéias de suicídio passarão pela sua cabeça, nes-

ta semana. Você precisa mudar de idéia. Tente o MDB.

Sagitário (22-11 a 21-12)

Problemas cardíaco-vasculares poderão ocorrer, na hora de assinar o contrato de asfaltamento. A coisa vai ficar realmente preta pra você.

Capricórnio (22-12 a 20-1)

Você precisa de muita calma, muito sossêgo. Passe umas horas na pista de atletismo do Ginásio de Esportes: a solidão lhe fará bem.

Aquário (21-1 a 19-2)

Dificuldades à vista, asfalto a prazo. Não assinhe nada neste fim de semana.

Peixes (20-2 a 20-3)

Você terá um encontro desagradável. Procure ser amável. Afinal, o ra-

paz que derrama asfalto em cima da terra não tem culpa: ele cumpre as ordens, apenas.

GRAFOLOGIA

"...uma forte emoção". Violeta Imperial. (Jard. Ana Maria) A sua predileção pelo "ss" no lugar do "ç" revela seus espíritos antissemita, o que, nos dias de hoje, é mais ou menos explicável. Copie 5 vezes um artigo de fundo de "Manchete" e você sentirá mais calma.

"Cr\$ 90,00 o metro quadrado!" Moreno Triste (V. Liberdade) A letra trêmula indica que você preferiria morar em Rio Claro, onde o mesmo asfalto custa Cr\$ 40,00. Vá de ônibus, que trepida menos.

"...a nossa querida Professora". Carlos Búlgaro. (Centro) Carlinhos, deixe de ser bajulador, meu filho. E pare de escrever a máquina, que dificulta a minha análise. IBM pra você, bobinho.

"...&%/?\$/%!!!". Lolita La Loea. Você anda muito adoidada, Lolita. Larga mão disso, você ainda é uma criança. Pare de viajar pela Excelsior. Já.

"X" Vá pro diabo! Ou pro Mobra. Isso é assinatura que se faça?

O artigo que não foi escrito

A terceira edição do *Jornal de Segunda* estirou-me a isca de uma "chamada", anunciando um artigo meu. Mas o artigo não foi escrito. O que me exige uma séria justificativa, para evitar a frustração de uma página em branco. Não que eu seja contra as "páginas brancas". Nem do ponto de vista estético, pois iria contrariar o "poema ideal" de Mallarmé, nem de nenhum outro ponto de vista, porque temos aprendido a valorizar menos o bordado das letras de forma, e mais a nudez dos espaços entre elas (versão atualizada do "falar é prata, mas calar é ouro").

Assim, alguém que me lê, se quer mesmo ler, pule as linhas e leia nas entrelinhas. Ou até não leia, para devolver a página ao seu branco original.

O meu problema era não ter respondido claramente às questões: para que escrever? por que escrever? e o que escrever? para saber como escrever. Na verdade, desde alguns poucos e históricos anos, fomos nos habituando à "mudez" e ao "analfabetismo" de conveniências, ao interessante distanciamento: Não sei, não vi, não estou aí. Teste-

munhas mais ou menos, como mais ou menos aquela que já na fase de qualificação de seu depoimento foi respondendo apressado ao meretíssimo juiz que perguntava "nascido em...?" "Mas nem nasci".

Por isso, necessitamos fazer um rigoroso esforço de readaptação à palavra, para que não nos saia um tímido tartamudeio ou retumbante berro. E para que não caiamos na fascinação ingênua de quem ouve o próprio eco, como se dialogasse com o mundo. E foi assim, treinando, que amontoei uma resma de rascunhos interrompidos.

Comecei pelo velho conselho das "artes de escrever a qualquer preço": bote uma palavra atrás da outra. De preferência palavras redondas como "democracia plena", "processo de distensão", "poder da imprensa", "virtudes cristãs", "tradições ocidentais"... , dessas que se podem recortar a tesoura dos editoriais de jornais grandes e não de segunda.

Foi quando me lembrei da tese de um dos maiores especialistas em análise do discurso: tais e tantas palavras transportam noções opacas, confusas, servem a

todos os gostos, se inclinam para qualquer tendência, significam em qualquer contexto. O que vale dizer: não significam nada. Esses palavrões enfáticos, nem bem saíram de uma certa teoria, de uma bem intencionada proposição, já vão sendo apropriadas pelos malabaristas, perdendo o seu contorno, virando líquidas: são redondas, quadradas, esféricas, cúbicas, polimorfos, conforme a latrina e o recipiente.

Vejam bem: a gente diz "poste", "papagaio", "para-queadas", "pão". E pronto. Mas já não pode falar "democracia", "imprensa", "cristianismo", "tradição", sem a muleta dos adjetivos: "verdadeira democracia", "verdadeiro cristianismo", "gloriosas tradições" etc. para poder distinguir dos mil-e-um nem tão verdadeiros nem tão gloriosos.

Então, deixei pra lá.

Tentei segunda fórmula. Para escrever escolha um tema sugestivo e rico. E estão por aí temas esparramados às duzias, poluição, avenidas, hospitais, desnutrição, e outros. Interessei-me, de repente, pelos outros.

E logo me lembrei do Gianfrancesco, o Guarnie-

ri, o do "Grito Parado no Ar": "A gente sabe perfeitamente, e de cara, que determinados temas são vetados". A gente tenta falar desses temas com outras palavras. Mas as coisas correm o risco de sair obscuras.

Era o que eu ia fazendo. Trocar, discretamente, as palavras opacas e confusas por temas disfarçados e obscuros.

Não dá. O que é preciso é falar claro e alto que... (auto-censura)... e que... (censura do alto)...

Me censurei. Por enquanto.

Terceiro procedimento: colhe os ditos das "forças vivas", recolha as informações críticas das rodinhas do café no largo da matriz (digo, na praça da catedral). Tem lá repórter, cronista, saudosista, progressista, istas e pistas em quantidade. Seria preciso voltar a frequentar os círculos.

Então me lembrei que os fatos dispensam essa mediação barulhenta e, ao contrário, esperam a paciência dos que os cavam cuidadosamente para estragar o verniz.

Rasguei o esboço. Qual a saída? Já que é

preciso escrever? Urge escrever! importa escrever! então que seja tudo bem hermético, fechado, difícil de entender.

Pois não estão por aí as tentativas literárias sofisticadas como "concretismo", "poesia-praxis" "neossimbolismo", etc. em que a gente pode gozar o som e a forma, sem precisar dizer nem entender? Ponha-se "pato" junto de "pito", "parto" junto de "perto", "porta" junto de "porto", "ponta" junto de "ponte", e ponto final. Para os que preferem campânulas a essas aliterações (palavras bonitas e esses jogos sonoros) brilhemos com "plantos", "pílulas", "pântanos", "pólipos", numa sinfonia de ppp com estrondos de proparóxitonas esdrúxulas.

Claro que não é para compreender, mas para curtir a sonoridade, de ver a fricção. E assim, a gente fica escondido atrás dos biombos das fórmulas, sob os guarda-chuvas do estilo, produzindo composições refinadas para o consumo restrito e qualificado de uma "elite que sabe escolher".

Realizado: Falei e disse.

Mas não escrevi o artigo que devia escrever.

CARLOS FRANCHI

MORTE AOS DOMINGOS

Morreu um Bartimeu. "Por Quem Os Sinos Dobram?"

Um Bartimeu, que como um saci percorria todas as estradas, levando e trazendo as coisas.

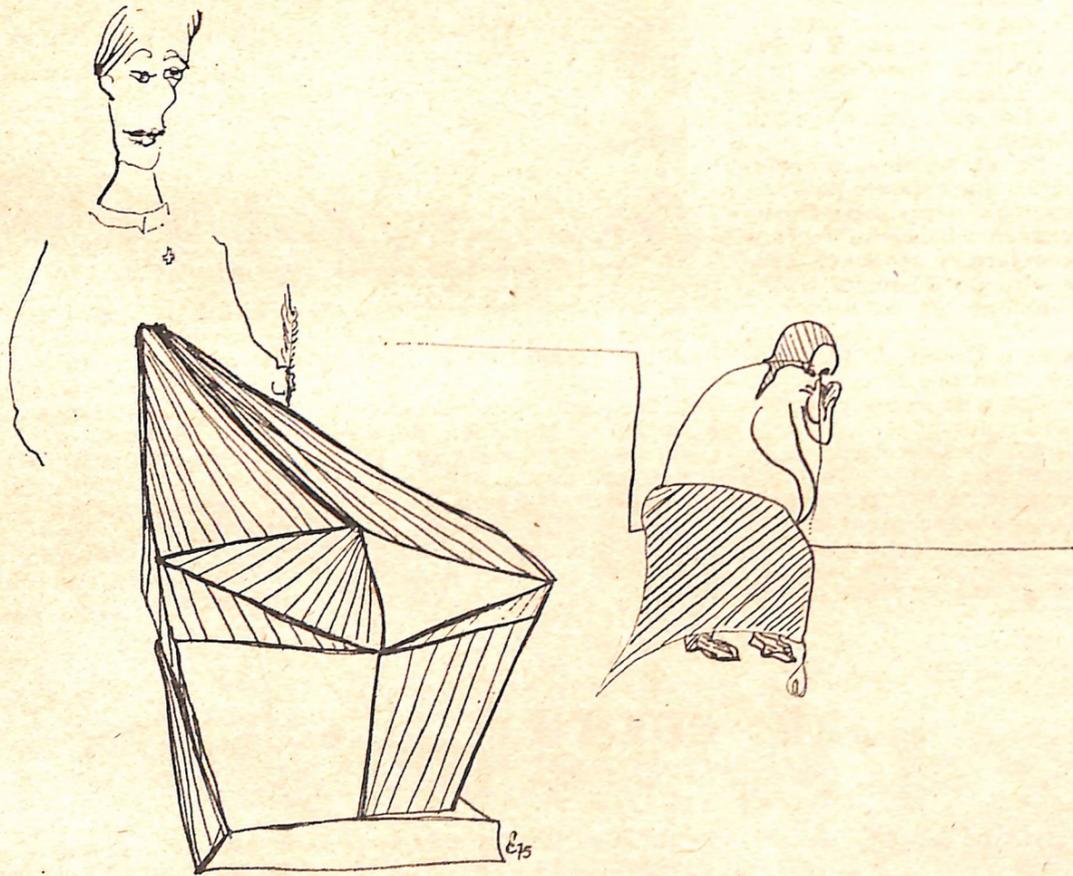
Alegre e lutador, brigando pelo extra das horas corridas quando o Mercedes corria também pelas estradas carregando adubo, lenha, pedra, tudo o que pudesse transportar.

Um dia Bartimeu encontrou um cavalo na estrada, estrada estadual, protegida e legislada.

E, ao levantar do sol, quando tornava da tarefa executada, bateu, capotou, morreu.

Transportado, foi largado no necrotério e os amigos foram chegando, procurando Anaelino, o Bartimeu, aos pares, às dezenas e depois às centenas. E, o Bartimeu foi enclausurado numa caixa de alumínio, calças cobertas de óleo, gasolina e a cabeça vazando, soltando o sangue pelas fraturas. E, todo mundo perguntando:

— "Porque não vestem e não lavam Bartimeu e o colocam para seu descanso na sepultura?"



A alegria acabou, o riso não voltará mais, já não é o que era, virou lembrança!

E o corpo ficou despejando a gasolina que tinha como sangue e o sonho que tinha de ser, esvaziando.

E os amigos, já multidão, perguntando:

— "Por que não podem descansar."

Bartimeu e seus amigos?"

— Por que não há médicos legistas que provem que o defunto Bartimeu morreu.

Apesar de defunto, não pode ser lavado, vestido, perfumado e incensado.

E transportado ao seu repouso final.

E a multidão murmura mas não se revolta,

pois que se um senhor médico legista não escrever que o defunto Bartimeu está morto, não pode ser recomposto como se morto não fosse, e nem mesmo assim considerado.

Homens inteligentes fizeram as leis, mas não cuidaram de que houvesse legistas para que todos os Bartimeus pu-

dessem receber seu repouso final na Paz do Senhor.

Malditos sejam os que fazem leis e não condições de que possam ser cumpridas.

Se houver um morto, que haja um legista, pois que o risco é de que ninguém mais morra se não houver a farta documentação que comprove a transição. E o legista que olha, apalpa e diz: "E, está morto".

Talvez um dia, os mortos não morram e continuem esmagados e amputados, vivendo, porém por falta de condição legal para mudar de condição.

Macunaíma

A ABITE TURISMO LTDA.

comunica a seus clientes e ao público em geral que a TELESP S.A. mudou o número de um de seus telefones, passando-o de 6-2947 para 4-3922. Os outros (6-1530 e 6-5946) continuam sem alteração.

ABITE TURISMO LTDA.
Rua do Rosário, 585

O brilho falso do "asfalto quente" ...

— Então para o senhor vai compensar bastante?

— Mas é claro. Veja só: estes lotes valem três ou quatro mil cruzeiros cada um e agora vão valer mais de duzentos ou até trezentos mil.

A euforia do sr. João Batista com o asfaltamento da Vila Liberdade não encontra muito eco entre os demais proprietários residentes no bairro. Especialmente entre aqueles que só possuem a casa onde moram e dependem exclusivamente do próprio salário para o sustento de suas famílias.

O sacrifício econômico que terão que fazer, as privações que sabem que irão passar, não são, entretanto, a maior causa da apreensão dos moradores da Vila Liberdade. A maioria se mostra até bem disposta para o sacrifício, contanto que este valha a pena. Parece, porém, para todos, que não valerá. É geral a impressão de que o asfalto que ali vem sendo aplicado não vai durar sequer até a final quitação do preço cobrado pela empreiteira. Todos dizem que o tal "asfalto quente" ou "asfalto moderno" se pa-



Mesmo sendo "asfalto quente"...

rece com aquele aplicado no Jardim Cica, que em pouco tempo se rebentou todo devido à infiltração de água em sua base. E há os que temem que esse tipo de asfalto seja idêntico ao "virado paulista", largamente usado durante

o governo Jânio Quadros para a pavimentação de inúmeros trechos rodoviários que pouco tempo depois precisaram ser recapados.

Com a reabilitação do sol, nessa última semana, o chamado "asfalto quen-

te" começou a refulgir nas várias ruas da Vila Liberdade onde ele já vem sendo aplicado, ensejando esse fulgor, a diversos proprietários, a perspectiva de uma altíssima valorização para seus imóveis, no caso adquiridos ou construí-

dos com fins meramente especulativos, enquanto a grande maioria da população persiste na dúvida quanto à justeza do custo e à durabilidade desse tipo de pavimentação.

Sem nenhuma base de pedra para lhe dar consistência, o pixe rebrilha na rua Manuel Bandeira, onde, num trecho tortuoso, se erguem diversas moradias de boa aparência. Numa delas está entrando o sr. João Batista Fernandes, ex-proprietário de um posto de gasolina localizado na Avenida Itatiba. Abordado pelo repórter, ele dá sua impressão sobre o asfaltamento do bairro:

— Para mim isto é muito bom. O asfalto é ótimo; é coisa de louco o que o prefeito está fazendo! Veja a valorização que isto vai ter! Vou até construir mais quatro casas nestes dois lotes ao lado, que também são meus.

— E quanto ao preço, não vai ficar muito caro?

— Vai ficar barato. Eu vou pagar, à vista, três mil e poucos contos. São quarenta metros de frente, mas aqui a rua é estreita, é a mais estreita do bairro.

... que agora chega à Vila Rio Branco ...

A suspeita qualidade e o alto custo do "asfalto quente" já passaram a ser também motivo de preocupação para centenas de famílias residentes na Vila Rio Branco, cujas condições econômicas são bem mais modestas que as de seus vizinhos da Vila Liberdade.

Foi na semana passada que os moradores desse bairro receberam em suas casas, junto com uma mensagem da Prefeitura, os cálculos do custo do asfaltamento.

A mensagem do prefeito era esta:

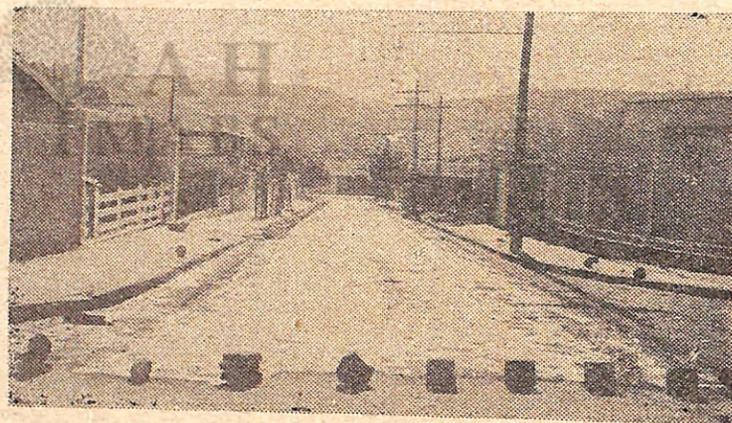
"A atual administração municipal, tendo à frente o excelentíssimo senhor prefeito Ibis Pereira Mauro da Cruz, tem a satisfação de informar que, nesta data, iniciam-se os trabalhos para Pavimentação dessa grande Vila. Para tanto, faz-se necessário a obediência das instruções abaixo:

"1) As adesões deverão ser oficializadas na Unidade Médica e Social, sita à

rua Joaquim Ferraz n.º 36, dessa Vila. Em anexo estamos enviando cópia da ficha com os respectivos preços a fim de que V. Sa. possa analisar as condições de pagamento. **IMPORTANTE:** O prazo final para que seja aposta a assinatura na Ficha de Adesão é o dia 25-07-1975. Após esse prazo, a frente de trabalho será deslocada para o Jardim Brasil.

"2) Os senhores proprietários que optarem pelo pagamento através de financiamento bancário, deverão comparecer ao Banco Brasileiro de Descontos S. A., munidos de escritura de venda e compra do imóvel, CIC e Cédula de Identidade, logo que forem convocados pelo estabelecimento de crédito.

"3) Esclarecemos, ainda, que logo após a sua rua completar 80% de adesões, a Construtora Andrade Gutierrez S. A. executará os serviços de compactação. Nessa fase solicitamos não



...um bom negócio na especulação.

jogarem água na rua, tendo em vista que isso prejudicará a qualidade da pavimentação".

A proposta enviada a dona Diva Maria do Nascimento, moradora à rua Irmã Inez de Jesus n.º 17, mostra que ela terá que pagar Cr\$ 197,69 mensais, durante dois anos, ou Cr\$ 3.354,00 à vista, para ter asfalto na frente de sua

casa. Ela já paga Cr\$ 59,00 por mês de imposto predial e territorial, tem seu pai doente, morando na mesma casa, e não sabe como conseguirá sobreviver com mais essa sangria no seu orçamento familiar. "O jeito, talvez, será ficar no arroz e feijão, de vez em quando uma verdura e ovo quando der", diz ela desanimada.

Mas, como a maioria dos moradores, dona Diva faz uma séria restrição à qualidade do asfalto: "Sei que a turma está dizendo que o asfalto é o mesmo da Vila Liberdade. Dizem que é uma porcaria. Se for, de que vai adiantar passar fome por causa dele?"

Além de estar cansada de tanta poeira em sua rua, onde mora há oito anos, dona Diva diz que concordou com o asfaltamento e com o preço porque "não adianta reclamar". Sua esperança é que seja correta a informação que recebeu na unidade de serviço, segundo a qual o pagamento poderá ser feito de forma diferente da pré-estabelecida, de modo que os juros fiquem menores. E diz ainda, semiconformada:

— A dívida a gente paga, porque não pode deixar de pagar. Se apertar muito, a gente fica sem comer. Um dia há de melhorar a situação.

... até em ruas já calçadas.

A exigência da assinatura do proprietário na proposta de adesão, ainda que ele discorde somente do preço cobrado pelo asfaltamento de sua rua (neste caso, ele é obrigado a assinar: "Não concordo com a execução das obras.") deixa-o inibido de assumir uma atitude contrária à imposição da Prefeitura. Pressionado pelo exíguo prazo que a Prefeitura lhe dá para se definir, ele acaba optando por um dos planos de pagamento e entregando a proposta assi-

nada na unidade de serviço.

Contudo, quando foram entregues, na Vila Rio Branco, propostas para o recapamento asfáltico de ruas já calçadas com paralelepípedos, os moradores imediatamente procuraram se consultar e logo chegaram à conclusão de que não poderiam concordar com o pretendido pela firma pavimentadora.

Nos bares e nas esquinas da rua Saldanha Ma-

rinho, o assunto não era outro nessa semana que passou senão o absurdo do preço solicitado para cobrir o macadame de pixe. O sr. Francisco, proprietário de uma mercearia nessa rua, estava um tanto desanimado na quinta-feira. Acreditava que não adiantaria reclamar porque, "no fim, acontece como o imposto: tem que pagar do mesmo jeito".

Mas quando ele fazia esse comentário, chegou um vizinho com um abai-

xo-assinado pedindo que ele também subscrisse. Já com dezenas de assinaturas, estava assim redigido esse abaixo-assinado ao prefeito:

"Nós, abaixo assinados, moradores da rua Saldanha Marinho, na Vila Rio Branco, vimos mui respeitosamente dirigir a V. Sa. no sentido de que nos seja facilitado o direito de não concordarmos com o recapamento asfáltico em nossa rua, visto que a mesma já é calçada até o n.º 312.

Por se tratar de uma elevada taxa de recapamento, não havendo, portanto, necessidade para tal."

Num bar localizado na esquina da Saldanha Marinho com a rua Santa Teresinha, um morador desta última comentava: "Não temos rede d'água, não vem lixeiro limpar a rua e vou ter que pagar Cr\$ 500,00 por mês de asfalto, quando meu imposto já é de Cr\$ 200,00 e ganho somente Cr\$ 800,00 por mês. O que me sobra para comer?"